

Prevalência da automedicação entre pessoas em uma farmácia no interior do Paraná

Prevalence of self-medication among people in a pharmacy in the countryside of Paraná

Prevalencia de automedicación entre personas en una farmacia del interior de Paraná

Recebido: 08/10/2022 | Revisado: 23/10/2022 | Aceitado: 24/10/2022 | Publicado: 29/10/2022

Gabriele Gomes Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9860-9540>
Centro Universitário Assis Gurgacz, Brasil
E-mail: gabio_gomes@outlook.com

Leyde Daiane de Peder

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0814-2586>
Centro Universitário Assis Gurgacz, Brasil
E-mail: leydepeder@yahoo.com.br

Resumo

A automedicação representa o uso indiscriminado de medicamentos sem orientação ou supervisão de um profissional habilitado. Os medicamentos são essenciais para a saúde, contribuindo para o tratamento de incontáveis patologias quando utilizados de forma racional. Assim, o objetivo desse artigo é analisar a prevalência em que ocorre a automedicação, verificando os medicamentos mais utilizados. Para isso, realizou-se uma pesquisa descritiva e quantitativa por meio de análise de dados coletados em questionário aplicado em uma farmácia privada, localizada na região Oeste do Paraná. Foram preenchidos uma totalidade de 50 questionários, o maior número de participantes pertencia ao sexo feminino 28 (56%), a medida que 22 (44%) eram do sexo masculino. No que se refere à automedicação devido às influências, foram destacados o fato dos participantes possuírem os medicamentos em casa, 21 (42%), em seguida a sobra de medicamentos por tratamento incompleto 19 (38%), igualado com indicação de familiares e amigos, e por fim, a mídia totalizando 3 (6%). Com relação aos problemas de saúde a qual acarretou a automedicação, o menor índice foi para dores nas costas com 11 pessoas (22%) e o maior, por dores de cabeça, pessoas 37(74%). Quanto aos medicamentos mais utilizados destacou-se a dipirona, com 36 pessoas fazendo uso (72%) e o paracetamol, com 32 pessoas (64%). A automedicação se apresentou comum na população estudada pela facilidade de acesso e inúmeros fatores influenciáveis.

Palavras-chave: Automedicação; Saúde; Medicamentos; Prescrição.

Abstract

Self-medication represents the indiscriminate use of medicines without guidance or supervision from a qualified professional. Medicines are essential for health, contributing to the treatment of countless pathologies when used rationally. Thus, the objective of this article is to analyze the prevalence in which self-medication occurs, verifying the most used drugs. For this, a survey was carried out descriptive and quantitative research was carried out through the analysis of data collected in a questionnaire applied in a private pharmacy, located in the western region of Paraná. A total of 50 questionnaires were completed, the largest number of participants was female, 28 (56%), while 22 (44%) were male. With regard to self-medication due to influences, the fact that participants had the medication at home, 21 (42%), was highlighted, followed by the leftover medication due to incomplete treatment 19 (38%), equated with indications from family and friends, and finally, the media totaling 3 (6%). Regarding the health problems that led to self-medication, the lowest rate was for back pain with 11 people (22%) and the highest, for headaches, 37 people (74%). As for the most used drugs, dipyrone stood out, with 36 people using it (72%) and paracetamol, with 32 people (64%). Self-medication was common in the population studied due to the ease of access and numerous influencing factors.

Keywords: Self-medication; Health; Medicines; Prescription.

Resumen

La automedicación representa el uso indiscriminado de medicamentos sin orientación o supervisión de un profesional calificado. Los medicamentos son esenciales para la salud, contribuyendo al tratamiento de innumerables patologías cuando se utilizan de forma racional. Así, el objetivo de este artículo es analizar la prevalencia em que ocorre la automedicación, verificando los fármacos más utilizados. Para ello, se realizo una encuesta descriptiva y cuantitativa a través del análisis de los datos recogidos en un cuestionario aplicado en una farmacia privada, ubicada en la región occidental de Paraná. Se completaron un total de 50 cuestionarios, el mayor número de participantes fueron mujeres, 28 (56%), mientras que 22 (44%) fueron hombres. En cuanto a la automedicación por influencias, se destacó el hecho de que los participantes tuvieran la medicación en casa, 21 (42%), seguida de la medicación sobrante por tratamiento

incompleto 19 (38%), equiparado a indicaciones de familiares y amigos, y por último, los medios de comunicación que suman 3 (6%). En cuanto a los problemas de salud que llevaron a la automedicación, la tasa más baja fue por dolor de espalda con 11 personas (22%) y la más alta, por cefalea, 37 personas (74%). En cuanto a las drogas más consumidas, se destacaron la dipirona, con 36 personas usándola (72%) y el paracetamol, con 32 personas (64%). La automedicación fue común en la población estudiada debido a la facilidad de acceso y numerosos factores que influyen.

Palabras clave: Automedicación; Salud; Medicamentos; Prescripción.

1. Introdução

A busca pelo tratamento de doenças sempre foi uma preocupação constante desde as primeiras civilizações que colonizavam as terras. Os métodos medicinais utilizados provinham da natureza, sendo de animais, minerais e plantas. Os egípcios foram os primeiros a usar plantas medicinais e logo depois se alastrou pelas outras regiões (Calixto; Siqueira, 2008).

Os medicamentos são essenciais para a saúde, auxiliando no tratamento de inúmeras patologias quando utilizada de forma racional, caso contrário pode ser danoso, causando risco à saúde e danos irreversíveis (Lima; Guedes, 2021). Se faz necessário uma prévia orientação para se obter informações em relação ao uso correto e seguro, ficar atento as reações adversas que podem apresentar e os riscos de interações que podem causar com outras medicações e/ou alimentos (Andrade et al., 2020).

A automedicação é caracterizada pelo ato de ingerir medicamentos sem supervisão ou aconselhamento de um profissional da área da saúde, utilizado para tratar doenças de males menores (Bispo et al., 2018). Os riscos da utilização inapropriada de medicamentos podem causar um diagnóstico incorreto, por conta do mascaramento dos sintomas. O uso do medicamento com dosagens inadequadas, em excesso ou em escassez, sendo em curto ou longo prazo, pode proporcionar efeitos adversos (Matos et al., 2018).

A automedicação tem se tornando um fato preocupante no Brasil, ocasionando inúmeras reportagens e estudos para conscientizar a sociedade. A facilidade em adquirir medicamentos sem o uso de prescrição médica leva as pessoas a se automedicar cotidianamente (Andrade, 2021). A tendência em suspender os tratamentos sem supervisão ou orientação pode agravar a saúde, em tese os medicamentos são a solução de problemas, mas somente quando utilizados sem exceder a dose ou tempo de uso para tratar determinada enfermidade (Melo; Pauferro, 2020).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define como Uso Racional de Medicamentos (URM) quando o indivíduo adquire os medicamentos com a dose correta para o período proposto e com o menor custo concebível para a sua condição clínica (Melo; Pauferro, 2020).

Estudos comprovam que ao utilizar uma quantidade superior a cinco medicamentos os riscos de ocorrer interações medicamentosas são maiores. Quando há ingestão de apenas dois medicamentos simultaneamente a estimativa é de 6%, o que difere da estimativa dos cinco medicamentos, sendo ela em 50% (Melo; Pauferro, 2020). O profissional da área da saúde deve orientar o paciente a adquirir o medicamento adequado para sua condição de saúde (Vidotti; Silva, 2006).

Para a automedicação ser benéfica precisa ser realizada de forma responsável, auxiliando na prevenção e no tratamento dos sintomas sem acarretar em efeitos colaterais, para esse fim deve utilizar medicamentos isentos de prescrição (MIPs), os quais possuem eficácia e segurança aprovados quando ingeridos de forma racional, aliviando assim, os problemas de saúde de males menores. Para que a automedicação seja responsável o indivíduo deve utilizar os (MIPs) para eventos ligeiros e incômodos, pelo período correto e caso não evolua para uma melhora, deve buscar ajuda de um profissional de saúde (Alves et al., 2019).

Exemplos de riscos que podem ocorrer pela automedicação sem supervisão de um profissional habilitado: terapia inadequada, atrasar a descoberta de doenças com possível agravamento, erro no diagnóstico, ingestão excessiva de medicamentos, resistência antimicrobiana, efeitos colaterais indesejáveis, reações alérgicas; gastos desnecessários, Interações

medicamentosas, dependência, e até mesmo a morte (Alves et al., 2019). Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa foi analisar a prevalência em que ocorre a automedicação, verificando os medicamentos mais utilizados.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva e quantitativa executada por meio de uma análise de dados coletados em questionário, sendo aplicado aos pacientes atendidos em uma farmácia privada, no município de Cafelândia no estado do Paraná, Brasil. A população amostra foi composta por pacientes que aceitaram participar da pesquisa respondendo um questionário e que preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como critérios de inclusão avaliados os pacientes deveriam ser residentes no município de Cafelândia- PR e possuir idade mínima de 18 anos, foram excluídas mulheres em gestação.

O questionário foi oferecido a todos os pacientes que adentraram a farmácia e estiveram dispostos a participar, obtendo 50 consentimentos para participação da pesquisa. O instrumento foi elaborado pela pesquisadora, contendo 12 questões objetivas e subjetivas, e foram pesquisadas informações epidemiológicas, como idade, sexo e estado civil. A frequência a qual recorreu a automedicação, os fatores e os sintomas, por quem foi influenciada, se houve esclarecimentos adicionais, feitos colaterais, quais foram os medicamentos utilizados, quantos medicamentos foram utilizados nos últimos 3 meses e se além da automedicação o paciente estava tomando medicamentos receitados pelo seu médico.

Foi adaptado e utilizado como base para elaboração do questionário o estudo de Servidoni e colaboradores (2006), presente na Revista Brasileira de Otorrinolaringologia.

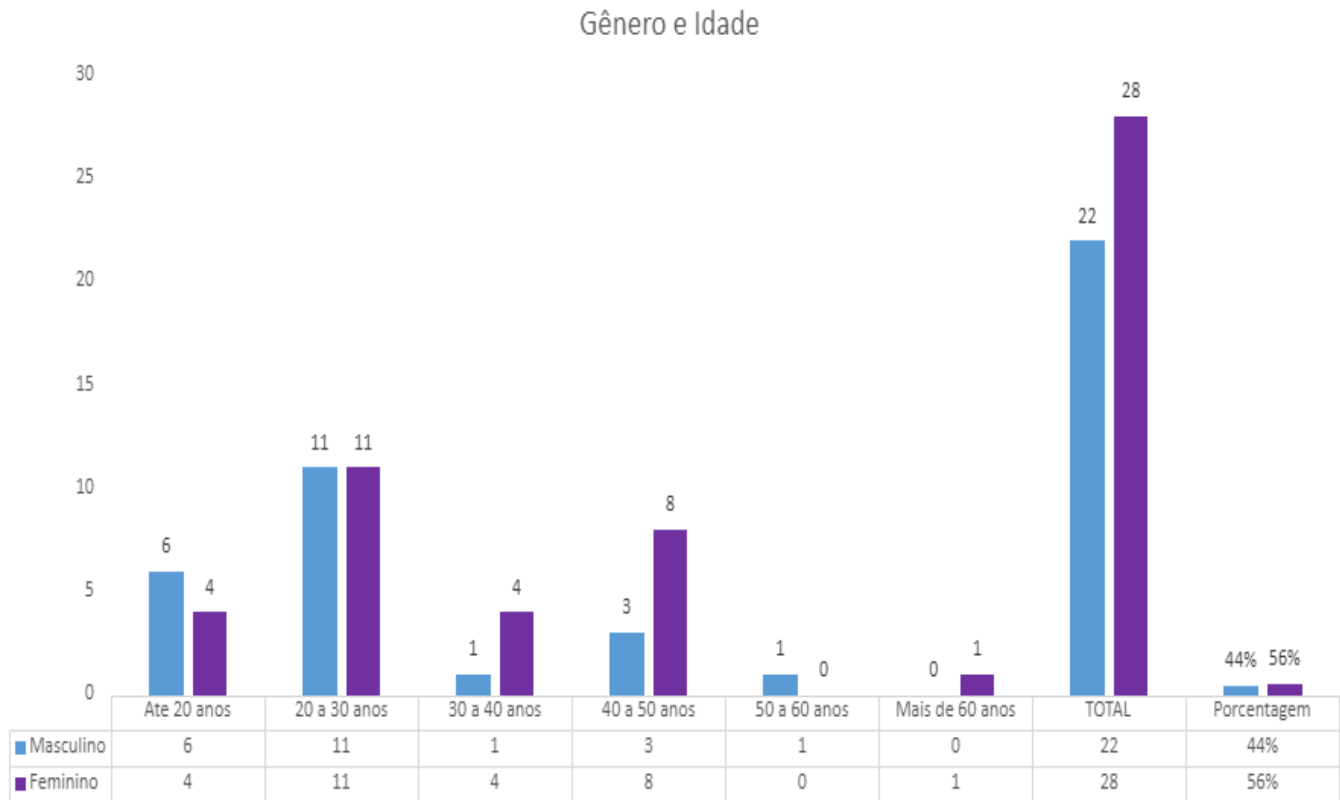
Todos os dados obtidos por meio de análise estatística descritiva foram tabulados no programa Microsoft Office Excel® 2020, para apresentação em tabelas e figuras visando uma melhor visualização dos resultados. O projeto seguiu todas as normas éticas e foi aprovado em 19/09/2022 pelo Comitê de Ética em pesquisa (CEP) do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz sob o parecer nº 5.653.074 (CAAE: 61703422.0.0000.5219).

3. Resultados e Discussão

A prática da automedicação é comumente utilizada em todas as faixas etárias, neste estudo o principal foco foram pessoas que adentraram uma farmácia privativa de Cafelândia no estado do Paraná, dos quais todos os entrevistados (100%) afirmaram praticar a automedicação.

Ao total de 50 entrevistados, destaca-se que cada grupamento de coluna representa determinada idade separadas por gênero feminino e masculino, apresentando quantidade e porcentagem. Os resultados estão apresentados em combinação com a variável automedicação e a descrição dos participantes (Figura 1).

Figura 1 - Resultados dos testes em relação a automedicação praticada por pessoas no Oeste do Paraná. Cafelândia, PR, Brasil.



Fonte: Autores.

O maior número de participantes pertencia ao sexo feminino 28 (56%), à medida que 22 (44%) eram do sexo masculino, quanto a idade o maior destaque se deu a faixa etária de 20 a 30 anos, sendo 22 (44%) pessoas de ambos os sexos.

No estudo realizado por Arrais et al. (2016), os autores propuseram que a faixa etária de 20 a 39 anos obtiveram uma prevalência de consumo superior as outras idades, principalmente em mulheres. Esse desfecho pode ser explicado pelo desenvolvimento de doenças agudas autolimitadas.

No que se refere à automedicação devido a influências, foram destacados o fato dos participantes possuírem em casa, 21 (42%), em seguida a sobra de medicamentos por tratamento incompleto o que resultou em 19 (38%), igualado com indicação de familiares e amigos apresentando a mesma porcentagem, e por fim, a mídia totalizando 3 (6%), as presentes afirmativas são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Apresentação das influências relacionadas a automedicação em ambos os sexos. Cafelândia, PR, Brasil.

Influências de automedicação	n (%)
Familiares e amigos	19 (38%)
Mídias	3 (6%)
Possuir em casa	21 (42%)
Prescrições anteriores	19 (38%)

Fonte: Autores.

A partir dos resultados alcançados, ressalta-se o fato de os participantes possuírem em casa (42% dos participantes), a sobra de medicamentos por tratamento incompleto (38% dos participantes) e por indicação de familiares ou amigos, (38% dos participantes). Os principais indicadores medicamentosos são pessoas que não possuem conhecimento do assunto. As

indústrias farmacêuticas destacam medicamentos novos cotidianamente através de amostras e divulgação nas mídias, as quais apresenta somente benefícios medicamentosos e poucas vezes os malefícios ou as interações medicamentosas (Paula et al., 2021). Quanto ao tratamento incompleto a tendência em suspender o tratamento receitado pelo profissional sem supervisão do mesmo, pode piorar o quadro de saúde, se for antimicrobiano a ocorrência de resistência bacteriana fica evidente.

Com relação aos problemas de saúde, a qual acarretou a automedicação, o menor índice foi para dores nas costas 11 (22%) e o maior por dores de cabeça 37(74%), segundo as afirmativas apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2 - Motivos pela busca de medicamentos. Cafelândia, PR, Brasil.

Motivos pela busca de medicamentos	n (%)
Dor de cabeça	37 (74%)
Dor Muscular	21 (42%)
Dor nas costas	11 (22%)
Dor de garganta	14 (28%)
Gripes e resfriados	26 (52%)

Fonte: Autores.

Apresentação de motivos comumente declarados, contendo as quantidade e porcentagem de ambos os sexos. Como destaques apresentados, foram acentuadas as dores de cabeça (74%) e as gripes e resfriados (52%). Os dados obtidos são explicados pelo período em que foi realizado o estudo, sendo destacado a troca climática e os danos provocados no meio ambiente (Arrais et al., 2016), causando alergias, congestões nasais, tosses, espirros e intensas cefaleias. As presentes alegações podem ser analisadas em destaque em outras pesquisas relacionadas ao uso de medicamentos (Wolff e Peder, 2021).

Na Tabela 3 identificam-se as classes de medicamentos ingeridos através da automedicação para os sintomas apresentados na Tabela 1, destacando-se a dipirona 36 (72%) e o paracetamol 32 (64%).

Tabela 3 - Medicamentos mais utilizados pelo grupo de estudo. Cafelândia, PR, Brasil.

Classe de medicamentos	n (%)
Dipirona	36 (72%)
Paracetamol	32 (64%)
Dorflex	28 (56%)
Ibuprofeno	16(32%)
Nimesulida	19 (38%)
Cimegripe	25 (50%)
Outros	9 (18%)

Fonte: Autores.

As classes de medicamentos ingeridos se correlacionam com os motivos a qual ocasionou a automedicação, possuindo maior índice com a dipirona (72%), paracetamol (64%), dorflex (56%) e cimegripe (50%). As classes empregadas são identificadas como (MIPs) medicamentos isentos de prescrição, sua eficácia e segurança são comprovados, desde que ingeridos de forma racional, sem exceder as doses, por período de tempo correto. Guimarães et al. (2021) destacam os MIPs como medicamentos comercializados em farmácias e drogarias após autorização sanitária, dispostos para tratamento de doenças agudas sem precisão de prescrição médica.

Cruz Junior (2021) salienta os impactos e gastos nos serviços de saúde através do uso de MIPs de forma irresponsável. O consumo desses medicamentos pode causar piora, dependência, intoxicações, diagnóstico inadequado e hipersensibilidade. Em relação ao paracetamol, o autor salienta as possíveis hemorragias e problemas hepatobiliares, e quanto a dipirona, os riscos em desenvolver anemia hemolítica e aplasia da medula.

De acordo com Soterio e Santos (2016), os mais utilizados na população brasileira são anti-inflamatório, analgésicos e antitérmicos. O uso de substâncias classificadas como seguras, podem provocar reações indesejadas dependendo da posologia e o tempo de tratamento (Oliveira et al., 2018). Ainda, Oliveira et al. (2012) destacam as vantagens obtidas com o uso correto dos medicamentos, porém o uso incorreto ou em excesso pode causar riscos à saúde.

Um estudo realizado por Cardoso e colaboradores (2020), relata que existem uma certa carência quando se trata da automedicação, além da autoconfiança se fazer presente e afetar o diagnóstico. Quando ocorre uma reação adversa há pessoas que procuram médico especialista, outras esperam que o sistema imune aja intervindo contra a patologia, outras persiste na busca pela automedicação somente mudando a sua farmacologia, novamente sem diagnóstico e sem orientação médica.

Silva e colaboradores (2021) destaca a necessidade do profissional para contribuir na farmacoterapia correta para que se receba a medicação na dose correta e seja administrada na hora correta, em outras palavras, o uso racional de medicamentos seja posto em prática. Ressalta-se a necessidade de educação em saúde, retratando o autocuidado e o uso de medicações independentemente da idade ou profissão de saúde (Garcia et al., 2018).

4. Conclusão

Com o presente estudo conclui-se que a automedicação é comum entre a sociedade pela facilidade em acessar o medicamento e os fatores influenciáveis de indicação, ressaltando a faixa etária de 20 a 30 anos e o gênero feminino. Observa-se que as classes de medicamentos mais utilizadas foram os analgésicos, relaxantes musculares e os antigripais, por conta do período em que foi realizado o estudo. Os medicamentos destacados no estudo são considerados seguros para uso, desde que não ultrapasse a dose e tempo necessário para o tratamento, dessa forma os riscos de intoxicação são minimizados. A partir da realização desse estudo, será possível auxiliar nos conhecimentos e aprimoramentos básicos de educação em saúde, apresentando a importância da supervisão de um profissional habilitado em relação ao uso de medicamentos sem prescrição.

Referências

- Alves, D. R. F., Abrantes, G. G. D., Martins, H. K. A., Lima, A. M. C. L., Ramos, F. F. V. R., Santos, A. C. M. D., & Ribeiro, G. D. S. (2019). Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem. *Rev. enferm. UFPE on line*, 363-370.
- Andrade, S. D., Cunha, M. A., & Holanda, E. C. (2020). Characterization of the profile of drug intoxications by self-medication in Brazil, from 2010 to 2017. *Research, Society and Development*, 53 (9): 1689-99.
- Andrade, T. D. (2021). *O papel do farmacêutico frente à prática da automedicação em idosos no Brasil: uma revisão de literatura*. 2021. 31 p. Monografia (Graduação em Farmácia) – Centro Universitário AGES, Paripiranga.
- Arrais, P. S. D., Fernandes, M. E. P., Pizzol, T. D. S. D., Ramos, L. R., Mengue, S. S., Luiza, V. L., & Bertoldi, A. D. (2016). Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, 50.
- Bispo, N. S., Ferreira, M. G., Vasconcelos, A. C., & Esteves, M. B. (2018). Automedicação: solução ou problema? In: *XVI Seminário Estudantil de Produção Acadêmica*, 16, 477-492.
- Calixto, J. B., & Siqueira Junior, J. M. (2008). Desenvolvimento de medicamentos no Brasil: desafios. *Gazeta Médica da Bahia*, 78(1).
- Cruz Junior, A. F. D. (2021). *Automedicação de Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP)*. Monografia. Curso de Farmácia.
- da Silva Cardoso, L., da Silva, A. M. C., Magalhães, N. A., dos Santos Porto, T. N. R., Balduino, L. S., Amorim, L. V., & de Sousa Neto, B. P. (2020). Automedicação entre profissionais de enfermagem em uma unidade de pronto atendimento e unidades básicas de saúde. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 12(12), e4761-e4761.
- Garcia, A. L. D. F., Kaya, A. N. M., Ferreira, E. A., Gris, E. F., & Galato, D. (2018). Automedicação e adesão ao tratamento medicamentoso: avaliação dos participantes do programa Universidade do Envelhecer. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 21, 691-700.

- Guimarães, P. H. D., Pacheco, R. P., & de Jesus Morais, Y. (2021). Cuidados farmacêuticos e uso de Medicamentos Isento de Prescrição (MIPs). *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 10 (12), e485101220405-e485101220405.
- Lima, D. S., & Guedes, J. P. M. (2021). Atribuições do farmacêutico no uso racional de medicamentos e automedicação. *Research, Society and Development*, 10(15), e263101522827-e263101522827.
- Matos, J. F., Pena, D. A. C., Parreira, M. P., Santos, T. D. C. D., & Coura-Vital, W. (2018). Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. *Cadernos Saúde Coletiva*, 26, 76-83.
- Melo, R. C., & Pauferro, M. R. V. (2020). Educação em saúde para a promoção do uso racional de medicamentos e as contribuições do farmacêutico neste contexto. *Brazilian Journal of Development*, 6(5), 32162-32173.
- Oliveira, J. K. A. D., Llapa-Rodríguez, E. O., Lobo, I. M. F., Silva, L. D. S. L., Godoy, S. D., & Silva, G. G. D. (2018). Patient safety in nursing care during medication administration. *Revista latino-americana de enfermagem*, 26.
- Oliveira, M. A. D., Francisco, P. M. S. B., Costa, K. S., & Barros, M. B. D. A. (2012). Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. *Cadernos de Saúde Pública*, 28, 335-345.
- Servidoni, A. B., Coelho, L., Navarro, M. D. L., Ávila, F. G. D., & Mezzalira, R. (2006). Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, 72, 83-88.
- Silva Paula, C. C., Campos, R. B. F., & de Souza, M. C. R. F. (2021). Uso irracional de medicamentos: uma perspectiva cultural. *Brazilian Journal of Development*, 7(3), 21660-21676.
- Silva, M. E. D., Oliveira, A. E. M., & Morais, Y. J. (2021). Atribuições do farmacêutico no âmbito hospitalar para promoção da segurança do paciente: revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, 10(13), e544101320566-e544101320566.
- Soterio, K. A., & dos Santos, M. A. (2016). A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. *Revista da Graduação*, 9(2).
- Vidotti, C. C. F., & Silva, E. V. (2006). Elementos para apoiar a prática farmacêutica na farmácia comunitária. *Farmacoterapêutica*, 11(3), 59-63.
- Wolff, F. N., & Peder, L. D. (2021). A influência das mídias sociais no uso de medicamentos. *Visão Acadêmica*, 22(3).